

RESISTÊNCIAS DESBUNDANTES DE UM CORPO DZI

Haroldo André Garcia de Oliveira¹ - PUC-Rio

Resumo:

A afirmação de Silviano Santiago em *O cosmopolitismo do pobre* (2004) considera os anos de 1979 a 1981 como o momento de transição do século XX – batizado de auge do desbunde brasileiro – responsável por profundas transformações socioculturais e políticas, tanto no Brasil como na América Latina. Num ambiente de intensas reformulações do panorama mundial, há o surgimento de grupos artísticos que contestavam o sistema imposto. Nesta perspectiva, o trabalho ensaístico em questão se propõe investigar as produções artísticas que contribuíram para o processo de democratização do Brasil e, conseqüentemente, de determinados países da América Latina. Para isto, elegemos como objeto de investigação a produção do grupo DZI Croquettes e seus reflexos no cenário artístico contemporâneo. Identificamos o momento histórico como formador de novas subjetividades no diálogo entre Literatura e outras artes. O resultado deste estudo assinala a abertura para a reflexão das múltiplas possibilidades de exercício da sexualidade humana e promove o corpo como um instrumento de visibilidade à diversidade de gênero, além de contribuir para a construção de uma cultura da diferença na contemporaneidade.

Palavras-chave: Arte; Cultura; DZI Croquettes; Corpo; Gênero.

Com um céu menos cinzento e ar não tão rarefeito assim, volto a este lugar para compartilhar o diário de bordo iniciado por mim no momento que decidi fazer uma viagem rumo ao passado guardado no baú memorialístico da história. Haja fôlego para vasculhar este arsenal de experiências presentes! Mas assumi a responsabilidade de revisitar o período prenunciado pelo mestre dos magos Silviano Santiago como “o momento de transição do século XX, na América Latina e particularmente no Brasil”. Num constante metamorfosear entre a doce Alice de Lewis Carroll e uma enorme borboleta *technocolor*, atravesso o portal que dá acesso ao jardim de loucuras chamado Desbundópolis.

Constituída no período de 1978 a 1981, a cidade do desbunde foi palco de grandes revoluções que culminaram com a irrupção de revoada de borboletas coloridas que, ao som de “É proibido proibir”, transformara o cenário de obscuridade imposto por um tal exército dos Bananas Verdes. O retorno messiânico de figuras como o cantor Caetano Veloso, o cartunista Hebert de Souza (o Betinho) e o intelectual Fernando Gabeira – o mesmo do famoso tapa-sexo rosa – consolida o surgimento de novas subjetividades dentro de um contexto de engajamento social (expressas nas produções artísticas da época). Com o faro de Sherlock Holmes aguçado e empunhando uma lupa cor-de-rosa, vou atrás de pistas que me levem a desvendar os mistérios de um momento que se configurou como um parque de diversões para

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (orientado pela Prof.^a Dr.^a Ana Paula Veiga Kiffer). Contato: handregarcia@hotmail.com.

os jovens da minha geração.

Seguindo vestígios de uma história, chego ao microcosmo de um casarão em Santa Teresa (RJ) que abriga uma família inusitada, identificada por uma placa afixada no batente de sua porta: DZI FAMÍLIA CROQUETTE. O som desta palavra mágica me é familiar. O circo é armado na minha frente e os palhacinhos que coloriram minha infância estavam ali, subvertendo a heteronormatividade da “célula mater social”. Uma família louca!

Impossível adentrar neste estranho mundo da maneira “caretinha” que somos atualmente conformados. É preciso acionar uma forma *queer*, um modo esquisito de dialogar com este caldeirão cultural borbulhante que me convida a esta viagem de aromas e sabores. Meu segredo está no museu travesti² que trago em minha bolsinha de mão, dele saco meu “modelito” no último grito e me debruço sobre o acervo desse rizoma artístico e sexual que possibilita a produção de novos corpos não só na dança mas na cultura brasileira, marcada por uma tradição hegemônica.

As múltiplas sensações que se espalham por toda América Latina constituem o tempero que faltava para que o Novíssimo Continente se torne um espaço para a experimentação de atos performativos. Como não me reportar ao poeta e performer argentino Batato Barea que, intitulando-se “clown- travesti-literário”, é considerado figurinha importante para a formação do teatro contemporâneo e do movimento underground na Argentina. Do mesmo modo, as *mariquitas lindas* (Pedro Lemebel e Francisco Casas) espalham irreverência e questionam os poderes instituídos pelas calçadas das ruas de Santiago (Chile) ao som de seu *Manifiesto Hablo por mi diferencia*, ambos na pele do coletivo artístico *Las yeguas del apocalipsis*. O circo pega fogo nas terras dos muito gerais.

De mãos dadas com estes treze artistas, vou caminhando sobre uma trilha que me leva à cultura marginal dos anos 70 e 80, adentrando os “inferninhos” habitados por uma fauna. Eram bichas, travestis, sapatões e michês celebrando seus quinze minutos de liberdade, longe dos olhares vorazes do conservadorismo. As tardes de verão ganham um colorido mais intenso sobre as areias do Pier de Ipanema, onde todas as tribos se reuniam em busca de

² Uma referência ao “museu travesti”, projeto idealizado pelo artista peruano Guisepppe Campuzano que “nasce da necessidade de uma história própria – uma história inédita do Peru –, ensaiando uma arqueologia das maquiagens e uma filosofia dos corpos para então encenar uma elaboração de metáforas mais produtivas que qualquer catalogação excludente”. Com um acervo que “explora o percurso do travestismo” e uma iconografia da cultura peruana, o trabalho de Campuzano propõe um gesto subversivo que muito se aproxima do movimento contracultural presente no contexto histórico da época. Ver hemisphericinstitute.org/hemi/pt/campuzano-presentation.

novas experiências através das muitas viagens psicodélicas. Entre surfistas, personalidades e ex-egressos dos anos de chumbo, todos nos perdíamos no labirinto mítico formado pelas dunas do posto 9.

Num cenário ali pertinho das areias escaldantes da zona sul carioca, numa das mais agitadas casas do boêmio bairro da Lapa (o Cabaré Casanova), uma agitação de artistas e famosos denuncia a novidade do momento. Ao som do terceiro sinal, abrem-se as cortinas: lá vem elas. Em pose digna dos tradicionais álbuns de família, eis que a trupe é revelada: a mãe Sili Dale, na pele do ator Wagner Ribeiro; o Pai Lennie Dale, bailarino e artista polivalente, oriundo das terras de Tio Sam; da feliz união, nasceram as filhas Lenita “a pata” (Rogério de Poly), a “Rainha” Reginaldo de Poly e a caçula Silinha Meleca, “a tonta” (Ciros Barcelos); representando a linhagem nagô, as filhas Paulette e Lotinha (Carlos Machado) enchem a casa de ginga. Dando espaço aos agregados, cabem também a “Tia Bacia Atlântica” (Bayard Tonelli), a misteriosa “Tia Rose” (Roberto de Rodrigues), as sobrinhas “Clô” (Cláudio Tovar), Benê “Old City London” (Benedito Lacerda), a secretária “Claudette” (Cláudio Gaya) e a esfuziante empregada doméstica Eloína (Eloy Simões). Todas devidamente preparadas de modo espartano nas longas e extenuantes aulas de alongamento, balé clássico e jazz dance aplicadas pelo severo Papai Lennie.

Envolve-me a esta atmosfera do sentir/sentido, meu corpo estremece, meu corpo falece... Deste modo, encontro refúgio no movimento de Revolução Sexual – em especial, no recrudescimento do feminismo que abre portas à discussão sobre a diversidade sexual. O avanço do pensamento feminista promove microfissuras nas estruturas do patriarcado e do falocentrismo instituídos historicamente. Com salto alto, batom vermelho e cílios postiços, vou em busca do devir mulher capaz de desterritorializar o poder/ saber instaurado em nossa sociedade. Tal busca me ajuda a estabelecer uma cartografia do corpo por um viés do feminino a fim de compreender o diálogo com o masculino e transitar por entre as nuances de um corpo Dzi. Mulheres e bichas de mãos dadas em prol do reconhecimento da pertença de seu próprio corpo, demonstrado pela defesa do direito ao aborto, à liberdade sexual e direito à diligência de seu próprio corpo. Ao entrar em cena, o corpo natural se desnaturaliza, por uma imposição sociocultural. Tal corpo assume um caráter transgressor, rebelando-se diante do controle imposto. A onça feroz foge da jaula.

O frequente contraste de máscaras, caracterizado pelo peso da barba volumosa que esconde o vermelho do batom sobre a boca carnuda ou o vestido de lantejoulas que atenua a textura das pernas peludas, revela a prática do estilo andrógino sobre o próprio corpo que faz

emergir estas figuras que subvertem os padrões heteronormativos. Deste modo, “(...) cómo el arte del cuerpo implicaba un arte de la vida” (GARBATZKY, 2013, p.62).

Na arena de gladiadores, duela uma dança que busca libertar-se da tradição machista imposta. Nos saltinhos de Luiz XIV que se arrastam pelos salões iluminados da corte francesa, dá-se o silenciamento da figura feminina no espaço de profissionalização da dança. “Vós mulheres, permaneçei caladas no templo”. As palavras preconceituosas do apóstolo Paulo de Tarso parecem ganhar corpo na sociedade ocidental. Estas estratégias, num golpe de mestre, abrem precedentes para uma “dança travesti”. Não me assustaria a possibilidade de ver um monarca usando de seus poderes para interpretar a esposa de um estalajeiro, na companhia oficial de balé de sua corte imperial. *Tutus* vão se moldando de corpo em corpo até ganharem uma forma estranha nos torços peludos dos bailarinos dos *Trockaderos* de Monte Carlo. Longe do intuito de demarcar um lugar de subalteridade da mulher na dança, os “*trocks*” usam do humor para criticar a imposição de papéis sociais no universo da dança acadêmica.

Recostado na entrada do camarim do Teatro da Praia, fico a espiar a agitação da preparação dos atores bailarinos. A cada pincelada de maquiagem, um devir mulher ganha corpo, transitando entre a brejeirice carnavalesca de Carmem Miranda, a sedução vampiresca de Marilyn Monroe e a ancestralidade de Josephine Baker. Uma mulher que se torna um composto entre a mistura de sua receita pessoal e altas dosagens de testosterona dos trezes *Dzi Croquettes*.

E por falar em Miss Baker, é válido lembrar que a mesma é responsável pela introdução da trupe de artistas no cenário artístico francês. Atropelada por um transatlântico de afetos, após assistir a uma de suas apresentações em Paris, deixa em seu testamento o pedido de que os *Dzi Croquettes* a substitua em sua temporada no Teatro Bobino. Neste encontro de gerações é possível notar pontos de contato que se expressam num certo primitivismo estético, no erotismo dos corpos e num engajamento político que se apresentam na cena de ambos.

Abrem-se as cortinas, os corpos masculinos travestidos de mulher dançam para mim como num jogo hipnótico. A voz de mulherzinha usada por Wagner Ribeiro quer me falar umas verdades e a estética “clown” cheia de deboche e irreverência mostra para mim que é possível fazer revoluções por minuto sem precisar pegar em armas. Nas palavras da sábia mamãe Sili Dale (Wagner Ribeiro), mudanças podem ser feitas com arte.

Amor é o nome do armamento pesado usado nesta batalha capaz de reencantar o coração mais massacrado pelas intransigências do autoritarismo. Um amor que não ousa dizer o nome. “Amor, amor e somente amor...” Todos estes artifícios são despejados na cena composta pelos Croquettes, levando à loucura o mais sério pai de família e a jovem normalista, fazendo com que ambos passem a engrossar as filas de seu batalhão purpurinado. Nestas ruas coloridas, lá vou eu usando minha bata indiana, meus brincos de pena, a boca tingida pelo batom vermelho e olhos pintados de negro, sem temer o que as pessoas vão pensar a meu respeito.

E a pergunta que não quer calar: são homens? Mulheres? Deixo Lennie Dale responder por mim: “Somos gente! Gente computada igual a você!”. Neste burburinho, deixo meu recado: “Se cuida, tiete! Não sou dama nem valete. Eu sou um Dzi Croquette”.

Os termos e expressões que nascem deste encontro entre público atestam um pacto estabelecido entre as fãs e os artistas, constituindo a riqueza dentro desse contexto de fim ditadura no Brasil. Nas palavras de quem viveu coladinha a esta família louca, a adesão das tietes “constituiu em trocas contínuas entre eles e os Dzi relacionadas a todas as manifestações sociais dos atores: trabalho, lazer, negócios, relações amorosas e vida cotidiana” (LOBERT, 2010, p.40).

Nas ruas, os gritos de “Tá boa, santa?” e “Te contei, não?” se misturam à ordem unida. Nasce o termo “tiete” e a garotada, antes tolhida pela rigidez familiar, arruma seus trapinhos em suas mochilas e segue atrás da trupe de cara pintada e espírito livre. Por onde passam, os treze rapazes da Embaixada de Marte arrastam personalidades e anônimos. É um luxo, meu amor!

Nem tudo são flores nesta incursão por Desbundópolis. Na noite de 1980, me vem a notícia: “A tia chegou!”. Tia SIDA, a impiedosa que não escolhe rosto nem currículo artístico. Diariamente, me chegava a notícia de mais um amigo e conhecido que fora “beijado”. A nuvem negra da repressão torna-se mais densa com o terror que a epidemia de Aids causa entre a comunidade gay (considerada o maior “grupo de risco”). Parafraçando o poeta Cazuzu (“Caju” para os íntimos): “o meu prazer, agora é risco de vida”.

Uma onda higienista toma conta das relações com a chegada da malévola “tia”. Os contatos físicos tornam-se cada vez mais raros e o sexo passou a ter uma conotação de medo. A borboleta ferida segue seu rumo e sofre por saber que seu sangue se tornou insígnia de destruição na boca da dona moral. Borboletas sofrem e se desesperam, mas nunca desistem de

voar. Na rebarba dos discursos de higienização, crescem as manifestações homofóbicas. Banheiros públicos, boates e pontos de encontro são demarcados com frases de ódio e morte aos homossexuais.

Mas “all that jazz – o show deve continuar”. Mesmo marcado pelo drama da doença, papai Lennie Dale não se dá por vencido. Reunindo a família, resolve remontar o espetáculo. O bom pai à casa torna!

A invasão do intruso no corpo de Lennie nos ajuda a compreender o papel das encenações de si como possibilidades de representação. No contágio com o vírus HIV, a possibilidade de novas escritas de si que atravessem a cena, através do gesto dançante, provocando expansões do corpo do artista. Para Nancy, “a revolta e a aceitação são igualmente alheias”³ (2007, p.26). Afetos que se confluem e se tornam potência para o corpo do bailarino que invade o palco, como que num último sopro de vida.

Fora grande o meu espanto ao ver aquele corpo fragilizado que, entre os suores e calafrios febris, transforma-se num monstro que em cena não perdeu a força animal presente em sua dança. Dança esta que se insurge até mesmo contra a morte; corpo que teima em dançar mesmo que sob o som insistente do monitor cardíaco da UTI.

Cortinas que se fecham ao som dos aplausos, sem apagar o brilho do corpo que segue vibrando no palco e fluindo em imanência. Quero acreditar que a revolução purpurina não é fruto apenas das pintas e bandeiras dadas na pele de cada personagem que compunha a família Dzi. No obstinado refrão contemporâneo, a busca por uma liberdade que encontra resistência no pensamento reacionário que tenta nos iludir com suas verdades absolutas.

A melodia da canção “Realce”, de Gilberto Gil, vai tomando corpo e adentrando a outros espaços numa América Latina que insiste em acreditar na possibilidade de uma sociedade democrática de fato e de direito. Nos últimos 20 anos, temos acompanhado um avanço nas discussões sobre os direitos das minorias sexuais. Paulatinamente, projetos de lei vão sendo implementados, militâncias organizadas vão adquirindo uma certa expressão no contexto político-social e a arte se aproxima de modo mais premente das questões da vida. Mesmo com o presente discurso conservador de direita, é possível assistir espetáculos de temática transgênero que irrompem na cena, visibilizando nossas performances e nossa necessidade de resistência.

Compreendo o corpo como plataforma para recontar essa história, afirmo que a

³ No original, “La revuleta y la aceptación son ajenas a la situación” (livre tradução).

verdadeira revolução acontece quando permitimos que a memória seja uma experiência presente. Eles (os Dzi) não morreram, viraram purpurina cósmica que não pode deixar de brilhar nos olhinhos de gente computada como eu e você. Assim, engrossando o coro de Gil, damos continuidade ao refrão, bradando que “(...) Quanto mais purpurina, melhor” para que a sociedade resista através da diferença.

Referências bibliográficas

GARBATZKY, Irina. *Los ochenta recién vivos: poesía y performance en el Rio de la Plata*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2013.

LOBERT, Rosemary. *A palavra mágica: a vida cotidiana do Dzi Croquettes*. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

NANCY, Jean-Luc. *El intruso*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2004.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2002.